

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

10 Mar 2018
18:00 Sala Suggia

-
ANO ÁUSTRIA

Baldur Brönnimann *direcção musical*
Benjamin Schmid *violino*

1ª PARTE

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para violino e orquestra n.º 2, em Ré maior, KV 211* (1775; c.20min)

1. *Allegro moderato*
2. *Andante*
3. *Rondeau: Allegro*

2ª PARTE

Arnold Schoenberg

Pelleas und Melisande, poema sinfónico para orquestra, op. 5 (1903; c.40min)

*Cadências de Benjamin Schmid

17:15 Ciber música

Palestra pré-concerto por **João Silva**

INTEGRAL DOS CONCERTOS PARA VIOLINO DE MOZART



casa da música



Maestro Baldur Brönnimann
sobre o programa.

<https://vimeo.com/258997607>

MECENAS INTEGRAL CONCERTOS
PARA VIOLINO DE MOZART



FONDATION ADELMAN
POUR L'EDUCATION

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
www.resco.pt
RUE DO SÓCULO 10
1000-000 LISBOA

REMA
RUE DE LA MONTAGNE
1000-000 LISBOA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

Concerto para violino e orquestra n.º 2 em Ré maior, KV 211

Leopold Mozart foi autor de um dos mais famosos compêndios de violino do seu tempo. Não admira, pois, que ao mostrar uma grande e precoce aptidão musical, o seu filho Wolfgang tenha começado por aprender a tocar violino – inicialmente, diz-se, com seis anos de idade e sem professor – e piano. O violino foi sempre muito importante ao longo da sua juventude e Mozart tocava regularmente na Orquestra da Corte de Salzburgo e nas digressões que fazia. Em 1777, enquanto visitava Augsburg, Leopold escreveu ao filho encorajando-o: “Tu mesmo não sabes o bem que tocas violino. Se acreditares em ti mesmo e tocares com energia, com todo o coração e alma, aí sim, tocarás como um dos melhores violinistas da Europa.” Foi apenas quando trocou Salzburgo por Viena em 1781, escapando da influência do pai, que Mozart concentrou as suas energias em concertos públicos como pianista, reservando o violino (e mais regularmente a viola) para eventos musicais passados na esfera da vida privada.

Sem surpresa, todos os cinco concertos para violino de Mozart datam dos seus primeiros anos. O primeiro é provavelmente de Abril de 1773 e os restantes de um período que decorreu entre Junho e Dezembro de 1775 – os meses que antecederam o seu 20º aniversário. É sabido que alguns dos concertos foram estreados pelo concertino de origem italiana da Orquestra de Salzburgo, Antonio Brunetti. Na correspondência de Mozart há uma referência a um outro violinista da cidade, Johann

Anton Kolb, que terá igualmente estreado uma das obras. Mas não se sabe se Mozart terá sido igualmente um dos intérpretes destes concertos. No entanto, é natural pensar que eles reflectem a sua técnica pessoal e a sua personalidade enquanto violinista, pelo menos nas muitas oportunidades para improvisar em passagens de transição e nas cadências.

O Segundo Concerto, acompanhado pela regular orquestra de cordas, oboés e trompas (possivelmente com um fagote acrescentado à linha do baixo), está datado de 14 de Junho de 1775. Nunca atingiu a popularidade dos seus precedentes, provavelmente porque até os ouvintes de hoje em dia reconhecerão que ele era um pouco fora de moda para a época, especialmente pelo uso de episódios a solo acompanhados apenas pelos violinos, ou violinos e violas, à moda de Vivaldi.

O primeiro andamento recolhe um estilo galante de meados do século, marcado pelo seu ritmo moderado, que faz lembrar a abertura de uma das primeiras obras de Haydn, mais do que os habituais *allegros* bem vivos de Mozart.

O *Andante* em Sol maior de som agradável foi descrito por Alfred Einstein, especialista em Mozart, como “um arioso pastoral, como a imitação de uma ária cantada por uma sentimental Sandrina ou Celidora numa *opera buffa*”. O *finale*, tal como o de um anterior Concerto para fagote, é um *rondeau* (a versão francesa do rondó) num tempo rápido de minueto.

ANTHONY BURTON, 2006

Tradução: Rui Pereira

Arnold Schoenberg

VIENA, 13 DE SETEMBRO DE 1874

LOS ANGELES, 13 DE JULHO DE 1951

***Pelleas und Melisande*, poema sinfónico para orquestra, op. 5** (sobre a peça de Maurice Maeterlinck)

Em Dezembro de 1901, Arnold Schoenberg mudou-se para Berlim, ficando na capital da Alemanha até ao Verão de 1903. Tinha passado os dois anos anteriores ocupado com a composição das *Gurre-Lieder*, cuja orquestração o iria ainda ocupar de forma intermitente durante a década seguinte. No entanto, o tempo que passou em Berlim foi dominado por uma obra que lhe era muito querida, *Pelleas und Melisande*.

Considerando a peça teatral de Maeterlinck muito apropriada para resultar numa ópera, Richard Strauss tinha incentivado Schoenberg a escrever esta extraordinária partitura, a qual usa vários *leitmotive* wagnerianos, por um lado, e por outro um estilo orgânico e metamorfósico reminiscente de Liszt. Os poemas sinfónicos de Strauss e o impacto enérgico de Mahler tinham provocado acessos debates na vida musical de Viena. Como muitos outros jovens compositores, Schoenberg tinha seguido esta influência numa sequência de obras que culmina com *Pelleas und Melisande*.

Embora Schoenberg não conhecesse a música de cena de Fauré para a peça de Maeterlinck, nem tão pouco a ópera de Debussy, estreada em Paris a 30 de Abril de 1902, é inevitável estabelecer comparações. O tratamento que Schoenberg dá à peça simbolista de Maeterlinck é completamente distinto da frágil e quase intangível música de Debussy ou da simplicidade da música de Fauré. Como mais tarde explicou: “Eu tinha a ideia de fazer de *Pelléas*

et Mélisande uma ópera, mas posteriormente desisti do plano – embora não tivesse conhecimento do facto de Debussy estar a compor uma ópera na mesma altura. Ainda hoje me arrependo de não ter seguido o plano original. A aura maravilhosa desse drama poderia não ter sido tão bem alcançada, mas eu teria dado vida às personagens com maior lirismo.” O poema sinfónico em grande escala de Schoenberg oscila sobre a linha divisória entre Romantismo tardio e atonalismo, com uma orquestração sumptuosa e uma riqueza harmónica que transmitem a essência do drama de Maeterlinck, ao mesmo tempo que segue meticulosamente um elaborado plano sinfónico.

Nas notas para a transmissão radiofónica de 1949, Schoenberg lembrou que compôs “o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* em 1902. É, em todos os aspectos, inspirado no maravilhoso drama de Maurice Maeterlinck. Tentei, com a excepção de breves omissões e pequenas alterações na ordem das cenas, reflectir cada pequeno detalhe. Talvez tenha dado, como muitas vezes acontece na minha música, um pouco mais de espaço às cenas de amor.” Como também acontece frequentemente com os comentários dos próprios compositores, é necessário um pequeno esclarecimento: Schoenberg, na verdade, terminou *Pelleas und Melisande* no início de 1903, acabando a orquestração a 28 de Fevereiro; mais importante é o facto de ter apenas utilizado oito de um total de quinze cenas da peça de Maeterlinck:

1. Melisande vagueando pela floresta (Acto I, Cena 2)
2. O episódio da fonte no parque (Acto II, Cena 1)
3. A cena da torre onde Melisande penteia o cabelo (Acto III, Cena 2)
4. As catacumbas do castelo (Acto III, Cena 3)
5. No castelo, Golaud medindo Melisande pelo seu cabelo (Acto IV, Cena 2)
6. Cena de amor no parque (Acto IV, Cena 4)
7. Entrada das criadas no castelo (Acto V, Cena 1)
8. A morte de Melisande (Acto V, Cena 2)

Apesar de se desenrolar de uma forma contínua, o poema sinfónico de Schoenberg tem uma clara divisão da estrutura em quatro andamentos. Numa célebre análise da obra, Alban Berg sugeriu que estas secções correspondem aos andamentos de uma sinfonia, “mais concretamente, um grande andamento inaugural em forma-sonata; um segundo andamento com três curtos episódios, ao qual se segue uma forma tripartida (em que pelo menos uma cena sugere o carácter de um *scherzo*); um *adagio* alargado; e um *finale* construído como uma recapitulação”.

Schoenberg cria a unidade através dos *leit-motive* que representam as personagens de Melisande, Golaud, Pelleas e, talvez com maior importância, o Destino. No entanto, como Berg também explica, o tratamento das cenas e das personagens não é “puramente descritivo”. Em vez de a história providenciar o conteúdo da música, é antes o seu pré-requisito. Os temas criam ambientes e características que são desenvolvidos de forma sinfónica, fazendo

com que a música e os imperativos dramáticos prossigam lado a lado.

Levou algum tempo até que o público aceitasse *Pelleas und Melisande*, que permaneceu como uma das obras menos conhecidas e compreendidas de Schoenberg. Segundo o compositor, “a primeira audição em Viena, em 1905, sob a minha direcção, provocou distúrbios entre o público e os críticos. As críticas foram estranhamente violentas e um dos seus autores sugeriu que me deviam mandar para um asilo psiquiátrico e garantir que eu ficava longe de papel de música. Apenas seis anos mais tarde, sob a direcção de Oscar Fried, alcançou grande sucesso, e desde então não mais provocou a ira entre o público.”

Anos mais tarde, quando vivia exilado nos Estados Unidos, Schoenberg sentiu-se tentado a criar uma suite de bailado mais simples a partir desta obra. O ímpeto inicial foi de ordem financeira, embora, ao descrever esta “maldita operação” numa carta ao seu genro Felix Greissle, Schoenberg tenha revelado a sua frustração perante a relativa impopularidade da obra: “O que foi decisivo para mim foi que esta música, que eu considero bem mais evoluída do que as *Gurre-Lieder* ou a *Noite Transfigurada*, e que é pelo menos igualmente bonita [...], permaneça, devido às suas dimensões e à orquestra gigantesca que requer, sem ser tocada.” Os agentes da Universal Edition nos Estados Unidos negaram a autorização para esta versão e, afortunadamente, *Pelleas und Melisande* ganhou gradualmente o seu lugar no repertório das orquestras.

CHRISTOPHER DINGLE, 2008

Tradução: Rui Pereira

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea em todo o mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Lachenmann, Lindberg, Haas e outros, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann, destacando-se actuações recentes nos BBC Proms e na Konzerthaus de Viena. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Na temporada de 2017/18, Brönnimann estreia-se no Lincoln Center em Nova Iorque para dirigir *Dark Mirror* de Zender, uma recriação da *Viagem de Inverno* de Schubert com Ian Bostridge, no Mostly Mozart Festival; e em concertos da temporada da Sinfónica de Oregon. Na Europa, apresenta-se pela primeira vez com a Sinfónica da Rádio de Frankfurt no Festival de Darmstadt; a Sinfónica WDR num programa que celebra o 100º aniversário do nascimento de Zimmermann; a Sinfónica Nacional da Estónia e a Orquestra Nacional de Lyon. Alguns dos momentos altos das temporadas anteriores foram projectos com as Filarmónicas de Oslo, Estocolmo, Estrasburgo e Bergen, a Philharmonia Orchestra e as Sinfónicas da BBC e de Seul, entre outras. Mais recentemente, estreou-se à frente da Sinfónica da Rádio de Viena, da Sinfónica Nacional Dinamarquesa e das Orquestras de Câmara Aurora

e de Munique. Colabora regularmente com o Klangforum Wien, em Viena e em digressão.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English National Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski e *The Little Match Girl* de Lachenmann com o compositor no papel de narrador.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

Benjamin Schmid *violino*

Benjamin Schmid é um dos violinistas mais versáteis da actualidade, com um repertório excepcionalmente vasto e um estilo muito pessoal. O núcleo da sua carreira consiste na interpretação de obras de compositores austríacos como Berg, Goldmark, Korngold, Kreisler, Mozart, Muthspiel, Schoenberg e Webern. Toca e grava regularmente com a pianista Ariane Haering, com quem se foca essencialmente em Mozart. Desde 2011, têm editado partituras de sonatas e fragmentos nunca antes publicados deste compositor para a editora Henle Verlag. Schmid tem uma carreira igualmente bem-sucedida no jazz, apresentando regularmente o seu projecto *Hommage à Grappeli* em salas dedicadas ao jazz e também à música erudita.

Na temporada de 2017/18, Benjamin Schmid é especialmente activo em Espanha e Portugal e apresenta-se com a Orquestra Sinfónica das Ilhas Baleares sob a direcção de Pablo Mielgo. É Artista em Associação na Casa da Música, interpretando, a partir de Março, quatro concertos para violino de Mozart. Entre outros compromissos, regressa ao Festspielfrühling Rügen e à Orquestra de Câmara de Estugarda e realiza uma digressão com a Sinfónica de Norrköping. No Verão, estreia-se com a Orquestra de Câmara de Israel sob a direcção de Ariel Zuckermann.

A agenda preenchida de Schmid inclui colaborações regulares com agrupamentos como a Orquestra de Câmara Australiana, a Philharmonia, as Orquestras do Concertgebouw, da Gewandhaus de Leipzig e da Tonhalle de Zurique, as Filarmónicas de Roterdão, São Petersburgo, Nápoles e Árctico (Noruega), a Orquestra da Rádio Finlandesa, as Sinfóni-

cas de Washington e Houston, a Orquestra de Jazz de Nápoles e as orquestras do Curtis Institute. Na Ásia, toca com a Nova Filarmónica do Japão, a Sinfónica de Singapura e a Orquestra do Festival de Hong Kong, entre outras. Desenvolve uma relação de especial proximidade com a Filarmónica de Viena: participou no concerto de abertura do Festival de Salzburgo em 2004 e tocou a versão de Fritz Kreisler do Concerto para violino de Paganini sob a direcção de Valery Gergiev em 2001 (um concerto lançado em CD e DVD pela Deutsche Grammophon e transmitido para mais de 60 países). É também convidado habitual dos principais festivais europeus de música de câmara.

Benjamin Schmid tem vindo a construir uma extensa discografia que inclui cerca de 40 CDs, muitos deles premiados. Ganhou o Prémio ECHO Klassik, foi Escolha do Editor da Gramophone e integrou a Strad Selection. Foi nomeado para o Prémio da Crítica Discográfica Alemã pela gravação do Concerto para violino de Wolf-Ferrari. O seu último álbum com o Concerto para violino de Ligeti foi eleito “Gravação do Mês” pela revista Gramophone.

Benjamin Schmid ganhou diversos prémios internacionais, incluindo os Prémios Mozart, Beethoven e do Público no Concurso Flesch em 1992.

Para além da sua carreira enquanto intérprete, lecciona no Mozarteum de Salzburgo e orienta masterclasses na Escola Superior de Música de Berna. Toca com um violino Stradivarius “ex Viotti” de 1718, cedido pelo Banco Nacional da Áustria. Em 2017 integrou o júri do Concurso Internacional de Música ARD, na categoria de violino.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austriaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
Radu Ungureanu
José Despujols
Vladimir Grinman
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Ianina Khmelik
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*
Flávia Marques*
Clara Badia Campos*
Catarina Resende*
Tiago Moreira*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Pedro Rocha
Domingos Lopes
Francisco Pereira de Sousa
Paul Almond
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Jorman Hernandez*
Raquel Santos*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Rute Azevedo
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Theo Ellegiers
Emília Alves
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva
Jean Loup Lecomte
Francisca Moreira*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Gisela Neves
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Malwina Stasto*

Contrabaixo

Carlos Mendez*
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Nelson Fernandes*
João Fernandes*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Carla Pereira**
Luciano Cruz*
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Pedro Silva*
Frederic da Silva Cardoso*
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Adriana Gonçalves**
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
Eddy Tauber
Hugo Carneiro
Bohdan Sebestik
Hugo Sousa*
Jaime Resende*
Nuno Nogueira**
Rui Godinho**

Trompete

Ivan Crespo
Ivo Costa**
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins
Leonardo Fernandes**
João Bastos**

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan
Angelica Salvi*

*instrumentistas convidados

**estagiários Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo
– IPP

**11 Mar Dom - 18:00 Sala Suggia
Richard Goode**

Ciclo Piano Fundação EDP

*William Byrd 2 Pavanas e Galhardas de My Lady
Nevills Booke*

J. S. Bach Suite Inglesa nº 6 em Ré menor

*L. van Beethoven Sonata nº 31 em Lá bemol
maior, op. 110*

–
Claude Debussy Prelúdios, 2º caderno

O pianista Richard Goode goza de um estatuto lendário nas principais salas de concerto do mundo, tendo sido apelidado pela crítica como “a resposta norte-americana a Alfred Brendel”. Após vencer o Concurso Internacional Clara Haskil, em 1973, lançou-se numa carreira internacional especialmente reconhecida pela discografia que inclui integrais das sonatas e concertos de Beethoven e dos concertos de Mozart. Bach está igualmente entre os seus compositores de eleição e Brahms valeu-lhe o prestigiado Grammy Award. No seu recital de estreia na Casa da Música, Richard Goode apresenta peças incluídas na sua discografia premiada e celebra o centenário da morte de Debussy, interpretando o segundo caderno dos Prelúdios.

**14 Mar Qua - 21:00 Sala Suggia
Terence Blanchard
feat. “The E-Collective”**

Ciclo Jazz

Terence Blanchard trompete

Charles Altura guitarra

Fabian Almazan piano

David “DJ” Ginyard Jr. baixo

Oscar Seaton bateria

Foi na altura em que gravava a música para os filmes *Inside Man* de Spike Lee e *Talk to Me* de Kasi Lemmons que Terence Blanchard imaginou, com Oscar Seaton, uma banda que sobrepusesse *grooves* carregados de funk, R&B e sonoridades blues. Alguns anos depois, esse conceito deu origem ao som que define o E-Collective, com muita electricidade distribuída pelo baixo, a guitarra e os processadores de efeitos, num efectivo bem diferente daquele que o trompetista explora no seu quinteto de jazz. Com este projecto, Blanchard aproveitava para se fazer ouvir a respeito dos acontecimentos que têm atingido a comunidade negra nos EUA. O primeiro álbum intitulou-se *Breathless* e foi dedicado a Eric Garner, um cidadão negro morto pela polícia, e o álbum de 2018 foi gravado ao vivo em várias cidades que têm sido atingidas por tensões raciais. “A música e a arte têm o poder de mudar corações e almas”, diz o compositor – uma convicção que ganha vida através da música contagiante e dançável de Blanchard e do seu E-Collective.

20 Mar Ter - 19:30 Sala Suggia
Ressurreição

Remix Ensemble e
Coro Casa da Música

Estágios de Orquestra e Coro da ESMAE

Peter Rundel direção musical

Sarah Wegener soprano

Louise Callinan meio-soprano

Gustav Mahler (arr. Gilbert Kaplan/Rob Mathes)

Sinfonia n.º 2, Ressurreição

“Com asas, que para mim ganhei, desvanecei-me! Morrerei para poder viver!” É um desejo de redenção existencial e de imortalidade espiritual que dá origem à *Segunda Sinfonia* de Mahler. Partindo de uma grandiosa cerimónia fúnebre – *Totenfeier* –, o compositor resgata o herói do mundo dos mortos, elevando-o a uma ressurreição poderosa e envolvente. Herdeira da *Nona* de Beethoven, pelo uso de coro e vozes solistas e pelo seu carácter metafísico, a sinfonia atinge o auge com o júbilo explosivo da vida eterna. As inúmeras referências filosóficas, literárias e religiosas passam por momentos como o Sermão de Santo António aos peixes, o Juízo Final e a ressurreição de Cristo.

25 Mar Dom - 12:00 Sala Suggia
A Quinta de Beethoven

Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música

Joseph Swensen direção musical

Concerto comentado por **Gabriela Canavilhas**

L. van Beethoven *Sinfonia n.º 5*

É o motivo mais célebre de toda a música clássica e deu origem à Sinfonia mais conhecida do mundo, a 5ª de Beethoven. O compositor chamou-lhe “o destino a bater à porta” pelo carácter fortemente rítmico das suas quatro notas. A partir deste pequeno motivo, Beethoven construiu uma verdadeira catedral, uma dramaturgia imparável e inquietante que deixa os ouvintes presos da primeira à última nota. Gabriela Canavilhas apresenta os momentos fulcrais desta sinfonia empolgante, desde o seu motivo inicial até ao triunfante final.



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

